

Desenvolvimento como liberdade e as duas décadas de Amartya Sen como Prêmio Nobel*

Development as freedom and the bicentenary of Amartya Sen as a Nobel laureate

*Cândida Alzira Bentes de Magalhães Senhoras**

*Elói Martins Senhoras***

Resumo

O presente ensaio discute a obra “Desenvolvimento como liberdade” por meio de um estudo exploratório e descritivo que tem como objetivo central revisitar e debater a atualidade das contribuições analíticas e conceituais do intelectual e ativista indiano, Amartya Sen, duas décadas após receber o Prêmio Nobel de Economia. Com base nestas discussões, o ensaio apresenta como resultado conclusivo de que “Desenvolvimento como liberdade” se caracteriza intencionalmente como uma obra de síntese e autorreferência ao pensamento consolidado pelo próprio Amartya Sen ao longo de décadas.

Palavras-chave: Amartya Sen; liberdade; desenvolvimento.

Abstract

This essay discusses the book “Development as Freedom” through an exploratory and descriptive study that aims to review and promote a debate on the actual relevance of the analytical and conceptual contributions proposed by the Indian intellectual and activist Amartya Sen two decades after receiving the Nobel Prize of Economics. Based on these discussions this paper presents as a conclusive result that “Development as Freedom” is intentionally characterized as a work of synthesis and self-reference to the thinking consolidated by Amartya Sen himself over decades.

Keywords: Amartya Sen; freedom; development.

Amartya Sen foi indicado e ganhou o Prêmio Nobel de Economia em função da repercussão internacional de suas pesquisas em universidades da Índia, Inglaterra e Estados Unidos. Suas principais contribuições para a área de Economia do Bem-Estar Social (*Welfare Economics*) focalizaram temas relacionados à pobreza, indicadores socioeconômicos e desenvolvimento econômico.

Como intelectual que contribuiu para a construção do campo de desenvolvimento, Amartya Sen traz uma leitura ímpar fundamentada em um processo dialético (síntese-antítese-tese), na qual parte da síntese de autores clássicos; abrindo espaço para a construção de antíteses, com argumentos

* Trabalho submetido em 27/11/2017, pareceres de análise em 15/02/2018, 17/02/2018 e 14/08/2018 e aprovação comunicada em 09/11/2018.

* Delegada da Polícia Civil do Estado de Roraima, especialista em Direito Penal e Processo Penal e mestre em Desenvolvimento Regional da Amazônia pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). E-mail para contato: candidasenhoras@gmail.com.

** Professor da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Especialista, mestre, doutor e pós-doutor em Ciências Jurídicas. E-mail para contato: eloisenhoras@gmail.com. Outros trabalhos do autor podem ser encontrados em www.eloisenhoras.com.

críticos, até se chegar à identificação fina de teses que alicerçam suas teorizações, conciliando assim uma forte abstração teórica, respaldando-se de um arcabouço empírico exemplificativo.

A rica contribuição de Amartya Sen ao campo de desenvolvimento, estruturada ao longo da sua vida profissional, trouxe consigo diferentes construções epistemológicas e exemplificações fenomenológicas que possuem em comum um núcleo ontológico, identificado pela abordagem das capacitações, como alicerce essencial de uma visão de que as liberdades importam como instituições que abrem janelas de oportunidade para a promoção de capacidades nos indivíduos para alavancarem suas próprias trilhas de desenvolvimento.

A “abordagem das capacitações” de Amartya Sen representa um importante marco no campo da teoria do Bem-Estar Social ao propor uma ampliação dos elementos a serem considerados na discussão de bem-estar e utilizados na avaliação de estados sociais alternativos – afastando-se do utilitarismo estreito que dominava as reflexões nessa esfera. Além de ter importantes implicações teóricas, essa ampliação do que ele denomina de “base informacional” resultou em uma nova perspectiva no campo de políticas públicas, especialmente no combate à pobreza, à fome e à desigualdade. Por essas razões, a abordagem das capacitações representou uma tentativa bem sucedida de reintrodução de um posicionamento ético mais demarcado na agenda de discussões da Economia do Bem-Estar (BELTRAME; MATTOS, 2017, p. 66).

Partindo da abordagem das capacitações humanas, no livro “Desenvolvimento como liberdade”, publicado um ano após receber o Prêmio Nobel de Economia, Amartya Sen apresenta um manifesto que sintetiza sua visão econômica e suas contribuições estruturadas ao longo de décadas como economista e ativista político nas temáticas de desenvolvimento social a partir de uma linguagem simples e amplamente acessível aos públicos leigo e especializado.

Estruturada em doze capítulos, a obra relaciona o desenvolvimento econômico ao desenvolvimento pessoal, tratando do combate à miséria, pobreza, fome, a partir de uma ótica microeconômica que diagnostica de forma exploratória as variadas formas de privação de liberdade e que apresenta de modo normativo o desenvolvimento do tão almejado Estado de Bem-Estar Social como um processo de expansão das liberdades individuais.

A concepção de desenvolvimento como liberdade explorada por Amartya Sen neste livro de síntese de suas ideias fundamenta sua proposição lógica na expansão das capacidades das pessoas para conduzirem suas próprias vidas e seus valores com ampla liberdade, de modo que o maior desafio para o Estado não reside necessariamente na ampliação da renda de seus cidadãos, mas antes na provisão de serviços de educação básica, saúde e redes de proteção social, pois estes são constitutivo do próprio desenvolvimento à medida que permitem eliminar a opressão e marginalidade social (EVANS, 2002).

Embora o crescimento da renda seja relevante para expandir as capacidades das pessoas, por si só não se caracteriza como a melhor métrica de desenvolvimento de uma sociedade para

consolidação do Estado de Bem-Estar Social, razão esta que justifica a formação de indicadores alternativos de desenvolvimento que venham ponderar diferentes componentes da qualidade de vida e que reflitam uma visão adequada e democrática de desenvolvimento, necessariamente fundamentada nos conceitos de liberdade e escolha social.

Com base em uma concepção maximalista e multidisciplinar do desenvolvimento, Amartya Sen revela no livro “Desenvolvimento como Liberdade” uma visão liberal crítica ao *mainstream* ortodoxo dos estudos econômicos clássicos e neoclássicos das métricas de crescimento econômico, fundamentando sua construção teórica e analítica em um tripé relacional de temas econômicos, morais e sociais explorados ao longo de doze capítulos.

Em um primeiro plano, os *temas econômicos* são explorados de modo concentrado nos capítulos 1, 2, 5 e 11 do livro “Desenvolvimento como Liberdade”, a partir de um discurso lógico de teorização que possibilitou dialogar não apenas com diferentes correntes teóricas econômicas de natureza ortodoxa e heterodoxa, mas também fundamentar os marcos de teorização, que partem de baixo para cima, desde o foco no indivíduo até chegar ao Mercado e o Estado.

O capítulo, “A Perspectiva da Liberdade”, analisa a perspectiva do desenvolvimento sob duas visões, uma concentrada exclusivamente na riqueza econômica e outra focada na qualidade de vida. As pessoas desejam mais riquezas não por serem desejáveis por si mesmas e sim por ser o meio para se atingir liberdade para construir a vida desejada. O desenvolvimento tem que estar relacionado, com a melhora da vida que levamos e das liberdades que desfrutamos.

Como capítulo inaugural, o autor discorre sobre conceitos e debates explorados ao longo de todo o livro, como os papéis da liberdade, os sistemas avaliatórios de rendas e capacidades, a pobreza, desigualdade, renda, mortalidade, capacidade e qualidade de vida, mercados e liberdades, valores, tradição, cultura e democracia. Os conceitos apresentados fundamentam a tese de que o desenvolvimento *lato sensu* depende de liberdade, pois somente esta permite potencializar as capacidades humanas e as decisões em conformidade com os valores e preferências sociais.

No capítulo, “Os Fins e os Meios do Desenvolvimento”, Amartya Sen continua as discussões apresentadas no capítulo anterior, ao se propor um exercício comparativo entre duas correntes principais de interpretação no pensamento econômico sobre o processo do desenvolvimento, os quais são identificados pela natureza instrumental da vertente ortodoxa *vis-à-vis* à natureza finalística proporcionada pela vertente heterodoxa.

De um lado, existe uma vertente ortodoxa, na qual o desenvolvimento é um processo “feroz”, marcado por “sangue, suor e lágrimas”, onde certas “tentações” como serviços sociais e o “luxo da democracia” devem ser superados com “dureza e disciplina”. De outro lado, há uma vertente heterodoxa que considera o desenvolvimento um processo “amigável”, “multidisciplinar”, marcado

por trocas mutuamente benéficas, presença de redes de segurança social e por liberdades sociopolíticas.

No capítulo, “Mercados, Estado e Oportunidade Social”, Amartya Sen resgata o pensamento de T.H. Huxley em *Science and Culture*: “É destino habitual das novas verdades começar como heresias e acabar com superstições” e a partir daí desenvolve sua ideia sobre a importância dos mercados na vida econômica. São analisados temas como mercados, liberdade e trabalho; mercados e eficiência; acoplamento de desvantagens e desigualdade de liberdades; mercados e grupos de interesse; necessidade de exame crítico do papel dos mercados; necessidade de uma abordagem múltipla; interdependência e bens públicos; provisão pública e incentivos.

Tomando como referência o paradigma liberal em seu discurso, Amartya Sen apresenta um debate de revisão de temas ontológicos ao pensamento econômico, o qual se caracteriza por um processo de inovação incremental ao discorrer de modo crítico ao *establishment* teórico, justamente com o objetivo de elaborar uma nova forma para abordar o problema da escolha social, bem como, findando introduzir uma nova métrica de avaliação do Bem-Estar Social que seja funcional para promover a nova episteme do Desenvolvimento como Liberdade.

O capítulo “Escolha Social e Comportamento Individual” traz uma análise sobre a razão como meio apto para promover o desenvolvimento das sociedades, porém com uma releitura em relação à racionalidade econômica, motivo pelo qual Amartya Sen cita Aristóteles, ao afirmar que nem mesmo Deus poderia mudar o passado, porém, o futuro pode ser moldado por nós, demonstrando assim que o campo de desenvolvimento é aberto.

A discussão promovida por Amartya Sen presente neste capítulo se dirige como crítica ao teorema da impossibilidade de Arrow, formulado pelo Prêmio Nobel de Economia, Kenneth Arrow, no qual a escolha social a decisão social é imprevisível em um contexto de informação limitada. Neste sentido, Sen propõe a ampliação do universo de informações para embasar a escolha social, dando origem assim a uma concepção de desenvolvimento com base em novas métricas qualitativas.

Em um segundo plano, os *temas sociais* são predominantemente abordados nos capítulos 4, 7, 8 e 9, a partir de um discurso exploratório e exemplificativo sobre as mazelas e limitações às liberdades que minimizam as janelas de oportunidades para expansão das capacidades humanas, e, que por conseguinte prejudicam as possibilidades de desenvolvimento.

No capítulo “Pobreza como Privação de Capacidades”, a pobreza é discutida além da mera insuficiência de recursos financeiros, como o resultado da privação de capacidades básicas e das liberdades concretas que uma pessoa possa viver com dignidade, considerados os exemplos de falta de acesso a saúde, educação ou acesso a emprego. É feita uma análise entre a pobreza de renda e a pobreza de capacidade, bem como o que significa a desigualdade, razão pela qual se explora que a

desigualdade entre os rendimentos é uma métrica quantitativa insuficiente frente a necessidade de se adotar a métrica da desigualdade das liberdades, de natureza qualitativa multidisciplinar.

Ao trazer a perspectiva maximalista de que a pobreza deve ser vista como privação das capacidades humanas, Amartya Sen contribui com os estudos desenvolvimentistas, ao demonstrar por meio de exemplos em países subdesenvolvidos e desenvolvidos que o não desenvolvimento é transescalar independente do perfil do país, além de que as restrições ao desenvolvimento não são ligadas apenas à baixa renda, mas também recorrentemente à limitação das liberdades e das capacidades potenciais dos indivíduos.

No capítulo “Fomes Coletivas e Outras Crises” é exposta a triste realidade da miséria que assola o planeta juntamente com diferentes outras formas de mazelas que afligem milhões de pessoas como a falta de alimentação, a subnutrição e a fome coletiva, de modo a mostrar as diferentes causações reais e os mitos existentes na temática, ao discutir que estes problemas não se relacionam com a produção de alimentos, mas com o funcionamento de todo sistema econômico de oferta e demanda.

Com base no diagnóstico de vários temas sociais que limitam o desenvolvimento das capacidades humanas, Amartya Sen identifica que há pouca base factual para o pessimismo em não se tentar mais a acabar com a miséria, motivo pelo qual apresenta uma discussão normativa de que políticas públicas realistas e pontuais são necessárias erradicar os terríveis problemas da fome e de outras crises transitórias no mundo, proporcionando assim meios para a promoção das capacidades humanas e por conseguinte o próprio desenvolvimento.

No capítulo “A Condição de Agente das Mulheres e a Mudança Social”, a obra clássica de Mary Wollstonecraft, “*A Vindication of the Rights of Woman*”, publicado em 1792 é tomada como referência para mostrar as demandas e reivindicações históricas por direitos relativos ao bem-estar e à liberdade de ação das mulheres, justamente porque as pessoas importam no desenvolvimento, dando vazão para os temas de gênero na promoção das capacidades humanas.

Amartya Sen, respaldado pelo discurso normativo feminista, destaca o crescente fortalecimento do empoderamento feminino, reafirmando sua condição de agente ativo de relações sociais e não apenas como sujeitos passivos no Estado de Bem-Estar Social, já que tanto homens quanto mulheres são responsáveis por suas próprias trajetórias de desenvolvimento, compondo ambos papéis de destaque, mesmo que pulverizados, em uma microfísica de poder.

No capítulo, “População, Alimento e Liberdade”, Amartya Sen debate com diferentes autores uma problemática classicamente definida pelo economista Thomas Robert Malthus (1766-1834), a partir de um amplo debate teórico e exemplificação empírica que fora apresentado por meio de

questionamentos se existe uma crise mundial de alimentos ou como explicar a morte pela fome em uma sociedade internacional caracterizada pela produção de alimentos em larga escala.

Amartya Sen expõe o paradoxal mundo contemporâneo que concilia prosperidades sem precedentes com o abominável acontecimento da fome mundial em suas diferentes formas - coletivas, endêmicas e em massa. Responsável pela morte de várias pessoas ao redor do mundo, a fome é um fenômeno global aceito e tolerado, sendo objeto de investigação a fim de demonstrar que sua solução é oriunda da promoção de mais liberdade, e não menos.

Em um terceiro plano, os *temas morais* são concentradamente explorados nos capítulos 3, 6, 10 e 12 na obra “Desenvolvimento como Liberdade”, a partir de um discurso revisionista sobre marcos éticos e morais do pensamento sobre desenvolvimento, combinado a um discurso normativo, no qual são apresentados princípios e valores como instituições basilares na promoção das capacidades humanas basilares para o processo de desenvolvimento *lato sensu*.

No capítulo, “Liberdade e os Fundamentos da Justiça”, uma parábola é apresentada a fim de se identificar diferentes prismas de Justiça em um contexto liberal, razão pela qual Amartya Sen apresenta o exemplo de um contratante de um serviço que se vê posicionado frente ao dilema da escolha entre o *utilitarismo*, o *libertarismo* e a *justiça de Rawls*, permitindo assim explorar os principais debates e a de uma valorização alternativa da Justiça, baseada na liberdade comparada das potencialidades de cada indivíduo para agir conforme seus valores.

Com base na análise do *utilitarismo*, do *libertarismo* e da *justiça de Rawls*, Amartya Sen esmiúça os méritos e limitações destas correntes doutrinárias majoritárias, a fim de demonstrar que do ponto de vista alocativo das políticas públicas e das preferências sociais não existe neutralidade ou situação de Pareto Ótimo, cabendo ao Estado liberal o papel estratégico como promotor da Justiça, aos ser garantidor de última instância das liberdades individuais.

No capítulo, “A Importância da Democracia”, Amartya Sen ilustra a extrema importância dada aos tigres de bengala, quase extintos na floresta de Sunderban no extremo sul de Bangladesh e Bengala ocidental, na Índia a fim de identificar os paradoxos existentes na ausência de sistemas democráticos, pois enquanto, os tigres são protegidos por força de lei, nada protege os homens, moradores da citada floresta, os quais no desespero pela sobrevivência a penetram para colher mel e enfrentarem o perigo de serem vitimados pelos tigres de bengala.

Tal ilustração traz os fundamentos morais para uma compreensão de que o desenvolvimento depende de liberdades e de um Estado Democrático de Direito, o que significa dizer que tem importância o fortalecimento da democracia como componente essencial à potencialização das capacidades individuais e ao processo do desenvolvimento.

No capítulo “Cultura e Direitos Humanos” Amartya Sen observa o atual *status* oficial adquirido pela ideia de Direitos Humanos no discurso internacional, justamente por ter se tornado um tema estratégico para se alavancar o desenvolvimento, muito embora seja muitas vezes um objeto desvirtuado por críticas culturais, de legitimidade e coerência.

As críticas ao arcabouço teórico-conceitual de Direitos Humanos torna-se relevante ao pensamento desenvolvimentista de Amartya Sen à medida que traz uma leitura reflexionista sobre a diversidade de culturas existentes no mundo contemporâneo e por conseguinte dos valores existentes, razão pela qual a liberdade se torna artífice de promoção de padrões específicos de desenvolvimento, em consonância à especificidade dos valores e princípios.

No capítulo final, “Liberdade Individual como um Comportamento Social”, Amartya Sen questiona a motivação da miséria e da fome no mundo, observando que moralmente todos os indivíduos são responsáveis para avaliar e resolver as próprias mazelas da vida. O desenvolvimento, neste sentido é um fenômeno moral, dependente de cada indivíduo, quando presentes condições de ampla liberdade para promoção das capacidades humanas.

Como concepção moral, o desenvolvimento está circunscrito por três pilstras conceituais essenciais - justiça, liberdade e responsabilidade – nas quais, o capital social construído de baixo para cima é funcional para dinamizar esta hélice tripla do desenvolvimento no longo prazo, cabendo ao indivíduo o espaço para garantir a sua trajetória com o próprio suor e às instituições, incluído o próprio Estado, o espaço para ampliar liberdades e capacidades individuais.

Com base nos 12 capítulos apresentados na obra “Desenvolvimento como Liberdade”, observa-se a capacidade de síntese de Amartya Sen sobre as razões, conceitos e teorias que justificaram receber o Prêmio Nobel de Economia, possibilitando assim mostrar para o amplo público o desenvolvimento como um meio e um fim em si mesmo, seja como instrumento para possibilitar a expansão das capacidades concretas das pessoas, seja como resultado qualitativo das transformações.

Influenciado por raízes epistemológicas da Filosofia Clássica Aristotélica e da Economia Política Clássica, o pensamento de Amartya Sen emerge com um raciocínio *sui generis* de valorização individual, na qual o fortalecimento das liberdades e das capacidades básicas impactam qualitativamente na construção própria de oportunidades, repercutindo assim no processo *lato* de desenvolvimento.

Considerado um dos cinquenta mais influentes pensadores no campo de estudos do desenvolvimento, Amartya Sen consolida um legado desenvolvimentista de natureza multidisciplinar, no qual o espaço econômico do crescimento se abre para uma visão mais ampla em que a geografia, a cultura e a política passam também a ter relevância como elementos estruturantes do desenvolvimento quando permitem ampliar as capacidades humanas.

As contribuições de Amartya Sen reconhecidas como Prêmio Nobel e sintetizadas no livro “Desenvolvimento como Liberdade” se fundamentam em uma crítica à tradicional Economia do Bem-Estar (CLARK, 2006), por meio da consolidação de uma teoria da possibilidade e da necessidade de “escolha social”, na qual os indivíduos são centrais frente ao olhar secundário dado ao Mercado ou ao Estado (CORBRIDGE, 2002).

Conclui-se com base no pensamento reflexionista de Amartya Sen que o desenvolvimento não pode apenas ser avaliado como um processo agregado sob o prisma minimalista do crescimento econômico, mas antes deve ser analisado pela ótica micro que parte dos indivíduos, pois do que vale um país com uma alta renda se seus habitantes são analfabetos, passam fome e não têm saúde?

Ex positis, duas décadas após receber o Prêmio Nobel de Economia, Amartya Sen deixa como legado, ao pensamento desenvolvimentista e ao *policymaking*, a compreensão de que “liberdade” e “desenvolvimento” são faces complementares de um processo qualitativo e complexo que se constrói de baixo para cima em função da especificidade das escolhas sociais e a partir da expansão das capacidades humanas individuais.

Referências

- BELTRAME, Bruno; MATT'OS, Laura Valladão. “As críticas de Amartya Sen à teoria da escolha social de Kenneth Arrow”. *Nova Economia*, vol. 27, n. 1, 2017.
- CLARK, David. “The Capability Approach: Its Development, Critiques and Recent Advances”. Clark, David. (ed.) *The Elgar Companion to Development Studies*. Cheltenham: Edward Elgar, 2006.
- CORBRIDGE, Stuart. “Development as freedom: the spaces of Amartya Sen”. *Progress in Development Studies*, July, 2002.
- EVANS, Peter. “Collective Capabilities, Culture, and Amartya Sen’s Development as Freedom”. *Studies in Comparative International Development*, Summer, vol. 37, n. 2, 2002.
- SEN, Amartya. *Development as freedom*. 1st ed. Oxford: Oxford University Press, 1999, 384 p.

